

Se a dor se alojar no teu coração, onde será então o lar da alegria?
As tristezas e as alegrias da vida estão todas misturadas.
Ninguém pode separá-las, exceto Aquele que as criou.

Os verdadeiros homens não são mortos pela morte;
a morte encontra a sua morte no homem.
Os verdadeiros homens não são mortos pela morte;
a morte encontra o seu nome no homem.
Quando o nome de um homem é respeitado,
então a morte não tem nome.

Dizia o meu avô

PRÓLOGO

Costumamos receber os telefonemas logo de manhã bem cedo. Por vezes ainda estou a rezar quando ouço o telefone da minha mãe a tocar no andar de cima. Inclino-me para diante, toco com a cabeça no tapete e faço um esforço adicional para me concentrar nos versículos muito antigos que me vão atravessando o pensamento.

Allab-hu-Akbar. Subhanna rabbiyal A'ala...

Mesmo antes de a minha mãe atender, já sei quem está a ligar.

É a minha tia, no Canadá. Acabou de chegar a casa, vinda de um casamento onde conheceu uma família com uma filha, uma rapariga muito bonita, inteligente e engraçada. É uma família muito boa. São de Cabul, de Kandahar ou de Mazar-i-Sharif e o nosso avô conhecia o tio deles, ou então foi o pai dela que estudou na Escola Secundária Habibia com o primo do nosso vizinho que dantes era gerente do Hotel Ariana, antes de o terem destruído, ou então...

Qul Huwa Allāhu 'Aḥādun, Allāhu Aṣ-Ṣamadū, Lam Yalid Wa Lam Yūlad, Walam Yakun Labu Kufūan 'Aḥādun...

A minha tia vive no Canadá há trinta anos. Acho que ela conhece todos os outros afegãos que também lá estão. Ajudou muitos deles quando lá chegaram, mesmo sendo ela própria uma jovem viúva com uma filha pequena numa terra estranha cuja língua ela se esforçava por aprender. Mas os afegãos nunca esquecem um gesto bondoso. Agora, aonde quer que ela vá, é sempre recebida de braços abertos por aqueles a quem ajudou e o seu coração bondoso

merece o respeito de todos. Quase todas as semanas, exceto durante o Ramadão, é convidada para um casamento.

É nos casamentos que a minha tia reencontra as jovens mulheres que conhece desde que eram bebês. Viu-as tornarem-se adultas e também tirarem o máximo proveito de oportunidades que jamais teriam tido em Cabul caso as suas famílias cá tivessem permanecido nas últimas três décadas. Durante todo esse período, conservou sempre em mente uma lista de futuros maridos para todas elas — sobrinhos, vizinhos, filhos de estudantes a quem ensinou nos seus tempos de professora —, sempre à espera do dia em que as poderá ajudar.

Innā a'ṭaynāka al-kawthar, Fa-ṣalli li-Rabbika wanḥar, Innā shaani-aka huwal abtar.

Tenho 29 anos e um curso superior. Sou dono do meu próprio negócio de tapetes e por vezes trabalho com os estrangeiros. Tenho os dois braços e as duas pernas, facto que não é de desprezar num Afeganistão infestado de minas. Descendo de uma boa família e ainda não sou casado. Sou um pashtun com olhos de hazara graças a uma trisavó que pertencia a uma qualquer tribo da Ásia Central com raízes mongóis e cujo nome ninguém recorda porque se tratava de uma mulher. Personifico esta mistura de povos espalhados por toda a parte a que chamamos os afegãos.

Eu dou à minha tia uma razão para ir a casamentos nas noites em que está cansada ou quando a camada de neve é espessa. Dou-lhe um tema de conversa e alguém de quem falar com orgulho. Vendo tapetes. Ela vende-me a mim. A sua maior esperança é que eu venha a viver nalgum lugar onde possa prosperar e estar em segurança.

Como posso então dizer-lhe que, mesmo soando a loucura, eu amo o Afeganistão? Que adoro ser afegão? Que quero ajudar a reconstruir aquilo que tantos outros destruíram? Sei que vai levar muito tempo. Compreendo isso. Sou um tapeteiro. Sei como, a pouco e pouco, uma laçada se vai sucedendo a outra até surgir um desenho.

Oh, Deus, não poderás Tu tecer o meu destino de forma a manter-me junto daqueles que são mais importantes para mim do que quaisquer outras pessoas no mundo?

Ameen.

Quando termino as minhas orações, vou sentar-me junto das janelas altas de onde se avista a Universidade de Cabul e as montanhas do lado de lá. A poeira é tanta que mesmo sendo ainda tão cedo eu mal consigo distinguir os contornos dos cumes irregulares, recortados no céu da madrugada.

Cabul tornou-se um lugar muito poeirento. Quantos milhões de pessoas viverão agora aqui? Ninguém sabe. Quando eu era pequeno, éramos só oitenta mil. Esta era uma cidade grande com casas grandes, todas com grandes jardins. Agora vivemos na encosta de uma montanha, como cabras, numa propriedade que nos foi vendida por um ocupante ilegal.

O Sol ergue-se de detrás das montanhas e o seu brilho ofuscante e escorregadio atravessa a poeira. Deito a cabeça numa almofada que foi feita por nómadas que anualmente atravessam quilómetros e quilómetros de terras áridas em busca de um pouco de erva para os seus rebanhos. A minha era uma família nómada até o meu avô se instalar em Cabul. Agora não fazemos criação de animais — a menos que se conte com o gato no telhado.

A minha irmã mais nova traz-me um termo com chá verde e a notícia de que a nossa tia ligou do Canadá. Não a deixo perceber que já tinha adivinhado isso mesmo; não quero destruir o seu entusiasmo ao contar-me a novidade. Os olhos dela brilham como os de um diabrete. Sei que quer fazer uma piada às custas da rapariga que a minha tia descreveu. Claro que, por esta altura, a minha mãe já contou todos os detalhes da conversa às minhas quatro irmãs que ainda vivem em casa. Não faltará muito até que a minha irmã mais velha, que já é casada, fique também a par da história. No Afeganistão, os planos para um casamento são um assunto de família e uma considerável fonte de diversão. A minha irmã mais pequena está a tentar perceber se eu estou com disposição para piadas ou se me limitarei a mandá-la embora.

Acaba por se afastar a rir-se para com os seus botões. Se alguma vez eu deixar este lugar, vou ter tantas saudades dela que mal aguento pensar nisso.

Às vezes pergunto-me se terá sido difícil para o meu avô trocar a vida ao ar livre dos seus tempos de nómada pelo confinamento

entre paredes aqui na cidade. Penso no meu professor, Maulana Jalaluddin Mohammad Balkhi, que todos conheciam por Rumi; teve de fugir do nosso país quando Gengiscão, o grande ensinador dos nossos chefes militares, atravessou o nosso território, destruindo tudo à sua passagem.

É altura de subir ao andar de cima para tomar o pequeno-almoço. O meu pai já saiu montado na bicicleta para ir dar as suas aulas de Física na escola secundária. A minha mãe prepara-se para ir para o seu escritório, onde se coordenam ajudas para desastres naturais. As minhas duas irmãs mais novas vão para a escola; comendo os seus lenços brancos por cima do uniforme preto, saem porta fora e descem a encosta. Uma das minhas outras irmãs deixou-me fruta e iogurte na cozinha. Está a estudar Agricultura na Universidade de Cabul e daqui a pouco sairá para ir para as aulas. O meu único irmão, que é oito anos mais novo do que eu, está a fazer exercício físico no quarto que fica por cima da cozinha; ao saltar à corda faz minúsculas nuvens de pó descenderem pelo ar.

São estas as coisas que acontecem todos os dias. São estes os ritmos da minha família logo pela manhã. Estas coisas simples ficarão sempre comigo; essa é a única certeza que tenho.

A incerteza é tão pesada como a poeira no ar. Não consigo ver aonde irá dar o caminho da minha vida. Não está na minha natureza ficar sentado à espera de que algo aconteça. Mas de momento, incapaz de vislumbrar em diante, resignei-me a olhar para trás e a fazer a crónica de tudo o que testemunhei nos meus poucos, estranhos e turbulentos anos de vida.

Talvez algum dia compreenda todas estas coisas melhor. Talvez o mesmo aconteça com outros. Talvez este livro seja uma ajuda.

Insh'allah.

CAPÍTULO UM

ANTES

Nos tempos antes da guerra, antes dos *rockets*, antes dos chefes militares e das suas falsas promessas, antes do desaparecimento súbito de tantas pessoas que conhecíamos e que acabaram sepultadas ou a viver no estrangeiro, antes dos talibãs e da sua loucura, antes de se sentir diariamente o cheiro da morte no ar e de o chão estar encharcado em sangue, vivíamos bem.

Não temos fotografias. Era demasiado perigoso guardá-las durante a época dos talibãs e por isso destruímo-las. Mas as imagens das nossas vidas antes de toda a esperança abandonar o Afeganistão continuam bem nítidas.

A minha mãe tem vestida a sua saia curta e está sentada no seu escritório num banco, a atender uma longa fila de clientes. É respeitada pelos seus conhecimentos quanto à atividade bancária e pela sua capacidade para resolver os problemas dos clientes.

Com as suas calças à boca de sino, a percorrer velozmente as ruas de Cabul na sua moto, o meu pai parece uma estrela de cinema. Por vezes prende-me às suas costas com um cinto bem apertado. O vento revolve os seus longos cabelos enquanto vamos avançando. Quando dobra repentinamente uma esquina, as proteções de metal que usa nos joelhos lançam faíscas pelo ar ao rasparem no pavimento. No dia seguinte conto como foi aos meus colegas da escola e eles ficam todos invejosos.

Um dos meus tios vai ao estrangeiro em viagens de negócios. Os meus outros tios e tias estudam em universidades em Cabul. Todos eles andam vestidos à última moda. O meu avô, com a sua espessa cabeleira branca muito bem penteada, está sempre elegantemente vestido, com fatos de ótimo corte vindos de Itália e que enfatizam a sua riqueza. Quando entra numa sala, domina a atmosfera.

O meu avô é um homem imponente, alto e de ombros largos. Ao contrário de muitos outros afegãos, conserva sempre bem barbeada a sua cara muito bronzada. O que mais se destaca são os seus grandes olhos pretos. Tão profundos. Tão cheios de autoridade. Tão ternos.

Estas imagens assaltam-me sem aviso. Por vezes transformam-se em cenas breves.

O meu pai está a chamar-me para eu me despachar para ir para a escola. Abro os olhos e olho para o relógio por cima da minha cama. É cedo demais, mas o que posso eu dizer-lhe? Ele é meu pai. Eu sou seu filho. Os filhos pashtuns obedecem aos pais.

Mas ainda não estou pronto para acordar. Esfrego os olhos. O meu pai continua a chamar-me:

— Acorda! Calça as luvas! Estou à tua espera no ringue!

Quer que nos exercitemos juntos antes do pequeno-almoço. Começou a treinar-me para fazer de mim um pugilista famoso, tal como ele, e para, à sua semelhança, participar em competições internacionais.

Detesto acordar cedo, mas adoro fazer exercício físico com o meu pai. Ele deixa-me sempre vencê-lo, embora eu tenha apenas 7 anos.

Também adoro a escola. Nunca faltei. Sou esperto e popular. Às vezes os rapazes vão fazer queixa ao diretor quando eu lhes dou um murro na cara. O diretor faz por me proteger porque é o melhor amigo do meu avô. Mas nunca me sorri.

Eu e a minha irmã andamos na mesma escola. Ela é ano e meio mais velha do que eu e ainda mais esperta e popular — mas nunca dá murros nas outras raparigas, embora seja filha de um pugilista famoso.

O centro do nosso mundo é a casa do meu avô.

Ele construiu-a no final da década de 1960, quando era o chefe de contabilidade do Bank-i-Millie, o Banco Nacional do Afeganistão. O país era próspero e ele bem via que Cabul iria transbordar das suas sinuosas ruas milenares e estender-se ao longo do rio Cabul.

Comprou cerca de dois hectares do lado de lá da pequena e íngreme montanha com dois cumes que, desde há séculos, protegia Cabul pelos lados sul e oeste. Nessa altura, as terras do outro lado eram todas ocupadas por quintas cheias de casas de adobe, mas não seria assim por muito tempo.

O meu avô estudara aqueles terrenos, conversara com os agricultores que os conheciam e depois escolhera criteriosamente a parcela com o melhor poço. Tínhamos sempre água, até mesmo nos meses mais secos, até mesmo quando os nossos vizinhos não tinham nenhuma. Fechou quase todo o seu terreno com um sólido muro de cimento, mas reservou uma área para construir uma escola para todas as crianças das famílias que, calculou ele, iriam transformar aquelas terras de cultivo numa zona residencial.

O meu pai e seis dos seus sete irmãos, juntamente com as suas mulheres e filhos, viviam confortavelmente na propriedade do meu avô. Eu tinha mais de vinte e cinco primos com quem brincar, sendo a maioria mais ou menos da minha idade. Cada família tinha duas grandes salas por sua conta. Os quartos ficavam todos num edifício de piso único de um dos lados do jardim. O apartamento do meu avô ficava do lado oposto. Entre nós e ele havia sessenta macieiras *McIntosh*; quando um dos seus primos lhas trouxe da América, eram apenas uns quantos galhos que ele depois enxertou nas raízes de macieiras afegãs. As macieiras *McIntosh* eram muito raras no Afeganistão e o meu avô sentia-se muito orgulhoso de as possuir.

Num dos extremos da propriedade havia um edifício do tamanho de um quarteirão com dois pisos de apartamentos por cima das lojas que ficavam no rés do chão. O meu avô alugava os apartamentos a pessoas que não fossem da família. Todas as janelas

davam para a rua — nenhum afegão permite que algum estranho consiga ver o jardim da sua família.

De uma das lojas, o meu pai fez um ginásio. Todos os dias depois das aulas, dúzias de jovens iam para lá praticar boxe. Do passeio, eu e o meu primo Wakeel ficávamos a vê-los dar murros no saco, fazer flexões ou saltar à corda enquanto o meu pai lutava com um — ou, por vezes, com dois — dentro do ringue.

O Wakeel tinha mais sete anos do que eu. Era o irmão mais velho que eu não tinha e eu era o irmão mais novo que ele sempre desejara ter. Deixava que eu fizesse dele o meu saco de pancada ao imitar os pugilistas. De cada vez que eu lhe dava um murro, ria-se.

O meu avô, por essa altura já reformado do banco, usava uma das lojas maiores como armazém para os seus tapetes. Tinha uma porta grossa com um cadeado resistente e estava impregnada do cheiro doce e saturado de lanolina da lã. Ele guardava ali milhares de tapetes, dobrados e formando enormes pilhas. Os meus primos rapazes e eu gostávamos de saltar de uma pilha para outra.

Todos os meus tios tinham os seus próprios negócios, exceto o pai do Wakeel; esse era major do Exército Nacional do Afeganistão. Costumava dizer: «O ramo dos negócios é demasiado arriscado. Quase todos os homens de negócios têm ataques cardíacos ou morrem cedo.» Era o filho mais velho do meu avô e por isso cabia-lhe um lugar especial na família. O seu salário do exército permitia-lhe levar uma vida descontraída com a mulher, com o Wakeel, o meu primo preferido, e com as duas outras filhas.

Um dia saiu para o trabalho e nunca mais voltou. Continuamos sem saber se está vivo ou morto. Isto aconteceu na mesma época em que pela primeira vez ouvi a palavra «comunistas», mas nessa altura desconhecia o seu significado. Há mais de vinte e cinco anos que a sua mulher espera que ele volte a casa. Ainda hoje corre para a porta sempre que alguém bate.

O meu pai era o terceiro filho. Tal como todos os meus tios, tinha uma única esposa. Na minha família não havia o costume de os homens terem mais do que uma.

Os nossos vizinhos respeitavam o meu pai como se ele fosse um homem venerável. Vinham visitá-lo e discutiam com ele os seus negócios e problemas. Chamavam-lhe *lala*, «irmão mais velho», embora alguns o ultrapassassem em número de anos. Diziam-lhe: «Os teus pensamentos são mais velhos do que a tua idade.» O meu pai era um homem disposto a experimentar qualquer coisa. Não tinha utilidade alguma para a palavra «não».

Era também o único dos filhos do seu pai que estava envolvido no ramo dos tapetes. Os seus cinco irmãos mais novos consideravam esse ramo como coisa do passado. Estavam de olhos postos no futuro e queriam ganhar dinheiro de novas formas.

Um deles importava produtos da Rússia. Dois outros ainda andavam na universidade mas tinham planos de importar medicamentos para vender em farmácias por todo o Afeganistão.

Frequentemente jantávamos todos juntos — éramos mais de cinquenta sentados em almofadas, em volta de uma toalha estendida sobre o relvado bem aparado que o meu avô fizera num canto do nosso pátio. Por cima de nós estavam penduradas pequenas lâmpadas coloridas. A seguir ao jantar, o meu avô e os filhos sentavam-se num círculo a falar de negócios ou das universidades na Europa ou na América onde deveriam pôr-nos, a mim e aos meus primos rapazes, a estudar.

As mulheres formavam um círculo à parte para falarem dos seus assuntos. As mais velhas tinham a responsabilidade de encontrar bons maridos para as mais novas, como era o caso das duas irmãs solteiras do meu pai, que viviam connosco. As suas duas irmãs mais velhas já eram casadas e ambas se tinham mudado para a casa da família do marido, em outras áreas de Cabul. As discussões a respeito de pretendentes podiam prolongar-se durante meses e envolviam toda a família até que fosse feita uma escolha.

Os meus primos e eu sentávamo-nos noutra círculo, rapazes e raparigas todos juntos, contando histórias assustadoras uns aos outros e admirando o límpido céu noturno de Cabul, com a Lua e as estrelas espalhadas a toda a sua extensão. Quando nos fartávamos de histórias, púnhamo-nos a procurar animais nas configurações de estrelas e a rir.

Por vezes, terminada a refeição, o meu pai ou um dos meus tios levavam as crianças ao outro lado da montanha para nos comprarem gelados no Parque Shahr-i-Naw ou para irmos a um dos cinemas de Cabul ver um filme indiano ou americano.

Nesses tempos, Cabul era como um jardim gigante. Ao longo das ruas largas, as copas das árvores de um lado e do outro tocavam-se, formando enormes arcadas frondosas. A cidade estava cheia de parques bem cuidados onde as alteias disputavam a atenção com as calêndulas laranja-vivo e com centenas de rosas de todas as cores. Cada casa tinha um jardim com romãzeiras, amendoeiras ou damasqueiros. Até mesmo a montanha com os dois cumes estava coberta de vegetação rasteira e de ervas que acordavam com as chuvas da primavera. Tanto na primavera como no outono, o céu enchia-se de aves aquáticas de cores vivas que descansavam nas áreas pantanosas em volta da cidade durante a sua viagem das estepes russas para a Índia. Canais subterrâneos muito antigos traziam água das montanhas, mantendo verdes os nossos jardins.

Todas as sextas-feiras — o dia sagrado dos muçulmanos, em que as escolas e o comércio encerravam — levávamos um opulento almoço para um dos jardins dos nossos vizinhos ou para áreas de piquenique junto ao lago Qargha ou no vale Paghman, e às vezes chegávamos mesmo a ir até ao passo de Salang, bem no alto das montanhas do Indocuche, a uma hora de carro para norte de Cabul. Esse era um dia para toda a família passar em conjunto, para nos visitarmos e trocarmos anedotas e mexericos.

Os meus primos e eu subíamos às colinas enquanto os adultos se reclinavam em grandes almofadas à sombra dos salgueiros ou debaixo dos grandes ramos cheios de folhas de uma árvore *panj chinar*. As minhas tias solteiras não paravam de ferver água para todos eles — que bebiam chávenas de chá umas atrás das outras. Nessas longas tardes, iam-se revezando a fazer, de um qualquer acontecimento sem importância, uma grande história capaz de pôr toda a gente a rir. Claro que cada um tentava sempre ultrapassar o anterior; estamos a falar de afegãos. De todos, a minha mãe era a melhor.

Os meus tios eram tocadores de *tabla* e o meu pai tocava flauta de madeira, embora nunca tivesse tido lições. Ficávamos ali até depois do anoitecer, a cantar, a dançar e a cozinhar na fogueira.

Por vezes, nessas saídas, eu e os meus primos fazíamos um concurso de conhecimentos escolares. Quem quer que conseguisse a pontuação mais elevada podia exigir que os outros lhe comprassem aquilo que ele ou ela quisesse, não importava o preço. Também nós éramos muito competitivos. Os nossos pais eram os juízes e festejavam ruidosamente de cada vez que um de nós acertava numa resposta. Por vezes a competição terminava com um empate. Nós detestávamos que isso acontecesse.

Ocasionalmente, alguns dos primos discutiam e não se falavam durante um ou dois dias. Mas não éramos capazes de continuar assim por muito tempo; os nossos jogos eram mais importantes e nunca tinham fim, estivéssemos a jogar às escondidas no jardim ou ao berlinde, ou então a fazer corridas de bicicleta no parque junto à nossa casa, mas sobretudo se estivéssemos a lançar papagaios de papel do telhado.

Nas tardes de primavera e de outono, sempre que o tempo trazia uma brisa ligeira, centenas de papagaios de papel enchiam o céu sobre Cabul, lá permanecendo até depois de escurecer. Lançar papagaios de papel era mais do que um jogo; conseguir cortar o fio do papagaio de papel de um nosso rival era motivo do maior orgulho pessoal. O truque estava em aproximarmos, com velocidade e com força, o fio do nosso papagaio do do nosso oponente, cortando-o.

O Wakeel era o grande mestre dos papagaios de papel, um professor para todos nós. Os miúdos na nossa rua tinham-no batizado com o título de «Wakeel, o Cruel Cortador», por ele já ter cortado tantos dos seus papagaios.

Certa tarde, o Wakeel olhou para mim enquanto subíamos ao telhado com os nossos papagaios e disse-me:

— Vamos fazer um combate!

Como era costume, os seus longos cabelos escuros caíam-lhe sobre a testa, roçando-lhe as sobrancelhas grossas, sob as quais os seus olhos fundos e escuros estavam sempre a brilhar.

Eu aceitei, embora soubesse que ele ia cortar o fio do meu papagaio em menos de nada. Mas, desde muito cedo, somos ensinados a nunca fugir a um desafio, mesmo se acharmos que não vamos conseguir vencer.

O telhado do bloco de apartamentos do meu avô era ideal para lançar papagaios. Erguendo-se bem acima das árvores que orlavam a rua, parecia um palco. As pessoas lá em baixo — tanto adultos como crianças — viam os papagaios subirem no ar e paravam o que estivessem a fazer para verem o resultado do duelo. Uma boa luta era tema de conversa para vários dias.

Quando já tínhamos os nossos papagaios no ar há meia hora, sempre a provocarmo-nos e a fintarmo-nos, o Wakeel gritou da outra ponta do telhado, muito espantado:

— Aprendeste muito! Dantes bastavam-me cinco minutos para cortar o teu fio! Mas desta vez estamos aqui há mais de meia hora e tu continuas no ar!

De súbito, usou um truque que ainda não me tinha ensinado. Deixou o seu papagaio enrolar-se em volta do meu como se estivesse a tentar estrangulá-lo. Senti o fio ficar frouxo nas minhas mãos e lá estava o meu papagaio, indefeso e ao sabor do vento como uma folha no outono, a afastar-se no céu para longe de mim.

O Wakeel riu-se e, muito exibicionista, fez o seu papagaio subir no céu, para toda a gente na rua poder ver que ele tinha sido, uma vez mais, o vencedor. Corri lá abaixo para ir buscar outro papagaio.

O Berar, um adolescente hazara que trabalhava com o nosso jardineiro, adorava combates de papagaios de papel. Durante todo o tempo em que eu estivera a defrontar o Wakeel, ele seguira atentamente cada investida, cheio de inveja.

Alguns anos mais velho do que o Wakeel, o Berar era alto, bem-parecido e trabalhador. A sua família vivia em Bamiyan, onde havia grandes estátuas do Buda esculpidas nas montanhas. Berar não era o seu nome verdadeiro. No dialeto dos hazaras, «Berar» significa «irmão». Não sabíamos qual o seu verdadeiro nome e ele não se importava que o tratássemos assim.

Com todo o *suspense* do meu combate contra o Wakeel, o Berar não conseguia desviar os olhos do céu. Impaciente, o velho jardineiro

disse-lhe várias vezes: «As ervas daninhas estão no chão, não no céu. Olha para baixo.» Tratava sempre o Berar com uns modos ásperos.

— Deixa o rapaz da mão — disse o meu avô ao jardineiro. Os dois estavam a cuidar das roseiras de que ele tanto gostava. Eu acabava de lançar um segundo papagaio. O meu avô acenou então ao Berar. — Podes ir — disse-lhe.

O Berar veio a correr para o telhado, onde eu tentava ganhar altitude e, ao mesmo tempo, fugir aos ataques torpedeantes do Wakeel. Tirou-me o fio das mãos e disse-me que segurasse no carretel.

Eu nunca tinha visto o Berar a lançar um papagaio. Não parava de lhe gritar: «*Kashko! Kashko!* Puxa-o!» Mas ele não precisava das minhas instruções; sabia exatamente o que fazer. O Wakeel gritou-me que eu podia ter uma centena de ajudantes mas que, mesmo assim, ele conseguiria cortar o meu fio. Embora fosse alto e escanzelado, era muito forte e ia aproximando furiosamente o seu papagaio para o fazer enrolar-se no meu.

O Berar fez o nosso papagaio subir muito alto muito depressa, até que, em menos de nada, já estava acima do do Wakeel. Depois fê-lo mergulhar pelos ares tão velozmente que o papagaio pareceu cair do céu como uma pedra. E, de repente, lá estava o do Wakeel à deriva — para trás e para diante, para a esquerda e para a direita —, afastando-se na direção de Kandahar, separado do fio lasso que ele segurava nas mãos.

Subi para os ombros do Berar a gritar de alegria. Tinha nas mãos o fio do meu papagaio, que estava tão alto no céu que mais parecia um pássaro minúsculo. Na rua, os miúdos da vizinhança também estavam aos berros. Não tinham assistido ao feito do Berar, apenas me viam agora sentado nos seus ombros fortes, a festejar e a gritar: «Wakeel, o Cruel Cortador, foi cortado!» Dei-lhe muitos beijos; ele era o meu herói. Então o Berar deu-me o título de «Cortador do Cruel Cortador», ainda que tivesse sido ele o autor da façanha.

O Wakeel amou e não me dirigiu a palavra durante dois dias.

Tínhamos outro primo que era alguns meses mais novo do que eu. Nunca se tinha dado bem com nenhum de nós. O Wakeel

costumava chamar-lhe «parvalhão». Os nossos outros primos e todos os restantes começaram também a tratá-lo por esse nome.

Se ele comprava roupas novas, punha-se a andar à nossa frente para as exhibir e para dizer uma estupidez qualquer. «Fomos a uma loja em Shahr-i-Naw que abriu há algumas semanas. Tudo o que eles lá vendem é trazido de Londres e de Paris. O dono disse aos meus pais que eu tenho bom gosto em matéria de roupa. Acho que vocês não poderiam pagar um fato como este.» Quando eu lhe perguntava quanto tinha custado, ele triplicava o preço.

O Wakeel perguntava-lhe: «Ei, ó Parvalhão, por esse dinheiro todo, as tuas roupas fazem alguma magia?»

O Parvalhão nunca era capaz de antecipar uma piada e fazia sempre alguma pergunta tola do género: «Que tipo de magia?»

«Não podem tornar-te menos feio?», respondia-lhe o Wakeel, com a voz entrecortada por gargalhadas estridentes.

Todos nos ríamos e o Parvalhão corria de volta para casa para se ir queixar aos pais. Nós fugíamos para o telhado ou para fora do pátio, ou então íamos esconder-nos na garagem, dentro do carro do meu pai, para fugirmos ao castigo.

Certa vez, quando o Parvalhão trazia vestidas as suas roupas boas e se estava a exhibir, o Wakeel encheu a boca de água e eu dei-lhe um murro no estômago; isso obrigou-o a cuspir a água toda para cima do Parvalhão. O coitado olhou para nós, incrédulo, e perguntou numa voz ofendida porque tínhamos feito aquilo.

— Estamos a treinar para sermos durões — explicou o Wakeel. — Damos murros um ao outro sem aviso, para estarmos preparados no caso de andarmos à tarefa com alguém. Tu também devias ser um durão. — E então começámos a dar-lhe murros no estômago, mas evitámos bater-lhe na cara para não deixarmos nódoas negras, porque sabíamos que isso nos valeria uma sova às mãos dos pais dele.

O Parvalhão tinha um trunfo inesperado: sempre lera muito. Para a sua idade, tinha mais informação do que lhe era necessário. Também tinha boa cabeça para memorizar coisas. Isso ainda nos fazia ficar mais contra ele.

Quando estávamos em casa a brincar com os nossos primos, o Wakeel não parava de picar o Parvalhão. Mas, fora dali, não deixava que ninguém se metesse com ele. O Wakeel era como um irmão mais velho para todos nós. Quando o Parvalhão se punha à tarefa com os miúdos da vizinhança — algo que acontecia amiúde —, o Wakeel defendia-o. Quando estávamos a jogar futebol no parque, o Wakeel fazia sempre de maneira a que o Parvalhão e eu ficássemos na sua equipa, para ele nos poder proteger.

Os nossos vizinhos eram como nós — gente tranquila e educada. Quando havia uma festa de casamento ou de noivado na casa de algum deles, toda a gente da vizinhança era convidada, juntamente com os seus filhos e criados.

Todas as semanas, a seguir às orações de sexta-feira, o meu avô falava na mesquita durante dez minutos sobre como podíamos manter a nossa vizinhança limpa, como resolver os problemas de água e de eletricidade ou sobre como cuidar do parque público e criar mais lugares onde as crianças pudessem brincar juntas. Nunca fora eleito para nenhum cargo, mas as pessoas davam-lhe ouvidos.

Quando alguma família tinha problemas financeiros, um dos seus homens mais velhos ia discretamente falar com o meu avô e pedir a ajuda da comunidade. E então, a seguir às orações de sexta-feira, o meu avô explicava aos outros homens na mesquita que era preciso algum dinheiro, sem nunca dizer para quem. Era importante proteger a dignidade da família necessitada.

Certa sexta-feira, depois de os outros terem deixado a mesquita, vi o meu avô a entregar o dinheiro que tinha recolhido a um vizinho cuja mulher estava doente há já vários meses. O homem beijou as mãos do meu avô e disse:

— Nunca defrauda as nossas expectativas. Que Deus lhe conceda uma longa vida, saúde e força.

Ao ver que eu o estava a observar, o meu avô lançou-me um olhar carregado e eu saí dali à pressa. Não era suposto ter visto aquilo.

A casa do meu avô era o seu maior orgulho e as macieiras *McIntosh* a sua maior alegria. Já ia a caminho dos 70 quando eu nascera e pouco tempo depois enviuvara. Nessa altura reformara-se do banco

e passara a dedicar-se ao seu pátio, plantando rosas, gerânios e alteias ou regando as suas macieiras *McIntosh*, sempre a cantarolar entredentes ou a recitar baixinho os noventa e nove nomes de Deus.

E passava horas sentado a ler, rodeado dos seus livros. O seu favorito, em dois bonitos volumes encadernados com capa de couro, era *O Afeganistão ao longo da História*, de Mir Ghulam Mohammad Ghobar. O título estava gravado em letras douradas na capa. Por vezes ele lia-me passagens da obra.

Também tinha as *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, cujas capas também eram muito belas; mas dessas não me lia ele. Quando lhe perguntei sobre o que eram, o meu avô respondeu que mas daria quando eu já tivesse idade para as ler.

No inverno, estudava os poetas Rumi, Shams Tabrizi, Hafiz, Sa'adi e Omar-e-Khayyam. Por vezes convidava os amigos para discutirem as questões políticas do Afeganistão e do mundo. Mas depressa a conversa se desviava para a poesia. Queria sempre que eu e os meus primos rapazes ouvíssemos o que eles diziam e que fizéssemos perguntas.

As minhas irmãs e as minhas primas raparigas nunca participavam nessas discussões. As suas vidas seguiam um caminho diferente do das vidas dos rapazes, mas estavam autorizadas a ler os livros do meu avô. Na verdade, ele não parava de as encorajar a fazerem isso mesmo. «A educação», dizia, sublinhando essa palavra, «é a chave para o futuro.» Elas liam muita poesia, mas também romances de Dostoiévski, de Tolstói e de Thomas Mann, e também de alguns romancistas afegãos e iranianos cujos nomes são desconhecidos no resto do mundo. Todos esses livros estavam em dari.

Algumas das raparigas mais velhas, incluindo as irmãs do Wakeel, leram os livros de Sigmund Freud que o meu avô tinha muito antes de mim. Conseguíamos ouvi-las a cochichar sobre qualquer coisa chamada «o complexo de Édipo» e depois a rirem-se. Mas, assim que algum dos primos mais novos se aproximava demais, elas paravam de falar e olhavam-nos de uma maneira que nos dava a entender que não éramos bem-vindos.

Certo dia, durante uma das discussões do meu avô, o Wakeel levantou a mão e perguntou sobre o que era afinal a política.

Um dos amigos do meu avô respondeu-lhe:

— Na verdade, a política não passa de uma série de mentiras e os políticos são mentirosos com muito jeito que usam o seu talento para controlarem o poder, o dinheiro e as terras.

— Então devem ser pessoas desonestas — replicou o Wakeel.

— É verdade.

— Qual é o país com os políticos mais desonestos? — interrogou o Wakeel.

— Deixa que te conte uma história, meu filho — retorquiu o amigo do meu avô, aclarando a garganta. — Alguém perguntou a Shaitan, o demônio: «Uma vez que há tantos países no mundo, como é que consegues manter tantos em agitação constante, como é o caso do Afeganistão, do Paquistão e da Palestina? Deves andar sempre muito ocupado.»

»Shaitan riu-se e replicou: «Isso não é problema, não para mim.» Recostou-se na sua almofada e levou a boquilha do seu *chillum* aos lábios escamosos. Inspirou um fumo de cheiro acre que fez a água no cachimbo ficar negra e cheia de borbulhas oleosas e depois expeliu o fumo pelos cantos da boca. «Há um país na Terra que é melhor do que eu a criar problemas por toda a parte.»

— A sério?! — interrogou o Wakeel. — E que país é mais desonesto do que Shaitan?

— «Chama-se Inglaterra», respondeu Shaitan.

O meu avô e os seus amigos riram-se e depois continuaram a discutir poesia.

Passariam anos até que eu compreendesse a animosidade que muitos afegãos sentem pela Inglaterra, que por três vezes invadiu o Afeganistão e por três vezes foi escorraçada. Durante quase três séculos, os ingleses usaram o Afeganistão como campo desportivo para se envolverem com os russos num jogo muito sujo. Nenhuma das partes ganhou e nenhuma se importou com todos os afegãos que mataram nem com todo o sofrimento que infligiram ao nosso povo.

Esses tempos já tinham passado há muito, tal como as batalhas entre os antigos reis que tinham disputado o governo do nosso

país. A vida corria tranquila, sem dificuldades e cheia de alegria — exceto talvez para o Parvalhão, quando nós lhe pregávamos partidas. O tempo avançava suavemente, ao ritmo das estações do ano, e ia-nos impelindo com delicadeza pelas várias etapas da vida. Mas então, certa noite, o ar encheu-se com o inesperado gritar das palavras «*Allab-hu-Akbar*» e nada mais voltou a ser como dantes.